

## Galeria d'Arte Iosephus - Lisboa "Silêncios" "Silences"

Setembro / September/1998

O Corpo Parcelar – A solidão é, como julgamos saber, uma experiência plural, susceptível de produzir uma gama paradoxalmente rica de registos.

Experiência de decepção do mundo, a solidão convoca uma transcrição (literária, pictórica) num modo lacunar, confiando mais no sortilégio do olhar do que na plasticidade do mundo sensível.

O que vêem estes fragmentos com que Francisco Ferro pretende construir um caderno de apontamentos do real?

O olhar que eles articulam é provocatoriamente voyeur e o produto dessa intrusão no espaço do representado é a própria encenação da paisagem mental que precede e legitima o olhar que vê.

Processo especular, portanto, que devolve à precedência do autor (pintor) a irremediável insularidade do sujeito representado.

E que representam esses exercícios de transgressão do espaço íntimo da figura humana? Desde logo um jogo de multiplicação de detalhes a sugerir um efeito de encenação do corpo. Encenação que visa em primeiro grau o fragmento conexo, variável mas unitário, a parte que se dá pelo todo. As figuras representadas estão em estado de sinédoque e as variações de escala e as sobreposições no mesmo plano sugerem, afinal, a tentação da totalidade.

E fixam pontos comuns (curvas musculares, vazios de coxas, fissuras), o que assegura e revela neste projecto um objectivo ficcional: a representação (de parte) do corpo como obsessão.

Obsessão que é extensiva, num registo algo fetichista, à pele cultural que o modelo veste, entendida como acessório de uma intimidade devassada.

Obsessão, ainda, pela imobilidade e pelo luxo carnal do modelo e também fruição do modelado das formas que é inerente ao gesto académico de representação do modelo humano. Daí o jogo com a representação anatómica do corpo, entendida como uma disciplina clássica do grafismo, aqui levada até ao ponto da sua (des)figuração.

O ponto (na tela) em que a evidência figurativa se perde a favor de um núcleo de sinais gráficos elementares que estão no lugar do corpo.

Esta atitude requisita o prolongamento interior do olhar do espectador-leitor para que a figura humana ganhe de novo espessura e prevaleça o sentido das dicotomias nucleares da representação: inércia/movimento, inocência/perversidade, fragmento/totalidade.

E sublinha o jogo perverso das ficções que habitam, escondidas, para melhor se mostrarem nas linhas curvas do corpo feminino, prolongando-se no espectador desta exposição que duplica o registo voyeur do artista, revertendo, assim, à sua condição "natural": a daquele que vê por procuração.

The parcel Body - The solitude is, as we judge to know, a plural, susceptible experience to produce a paradoxical range rich of registers.

Experience of disappointment of the world, the solitude convokes a transcription (literary, pictorial) in a blank way, trusting more the sorcery of the look of that in the plasticity of the sensible world.

What do these fragments with which Francisco Ferro intends to build a sketch book of the Real see?

The look that they articulate is provokingly "voyeur" and the result of this intrusion in the space of the represented one is the proper stage of the mental landscape which precedes and legitimates the look that it sees.

Specular process, therefore, that returns to the precedence of the author (painter) the irremediable isolation of the represented subject.

And what do these exercises of trespassing the intimate space of the human figure represent? A game of multiplication of details which suggest a body staging effect. Staging which aims the connected, variable but unitary fragment, the part that gives it self to the whole. The represented figures are in stage of synecdoche and the variations of scale and the overlappings in the same plan suggest, after all, the temptation of the totality.

And common points (muscular, empty curves of thighs, fictions), are fixed which assures and reveals in this project a fictional objective: the representation (of part) of the body as an obsession.

Obsession that is extensive, in a somewhat fetishism register, to the cultural skin that the model dresses, understood as accessory of a exposed intimacy.

Obsession, for the immobility and the luxury flesh of the model and also enjoyment of the shaped one forms that is inherent to the academic gesture of representation of the human model. From there the game with the anatomic representation of the body, understood as a classic discipline of the drawing, taken to a point of (dis)figuration.

The point (on the canvas) in which the figurative evidence loses itself for the benefit of a nucleus of elementary graphic signs that are in the place of the body.

This attitude demands the inner extension of the spectator-reader's look in order that the human figure gains thickness again and the sense of the nucleus dicotomies of representation prevails: inertness/movement, innocence/perversity, fragment/totality.

And it emphasizes the perverse game of fictions which live secretly, to show themselves better in the curves of the female body, extending itself in the spectator of the exhibition which doubles the voyeur register of the artist, and in that way, reverting to his natural condition: the one who sees as someone who is looking for.